



KELLY RISOMAR FABRÍCIO DOS SANTOS SILVA

DIÁLOGOS SOBRE A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS - EJA

**NATAL-RN
2023**

KELLY RISOMAR FABRICIO DOS SANTOS SILVA

DIÁLOGOS SOBRE A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS - EJA

Monografia apresentada ao curso de Pedagogia,
da Faculdade Metropolitana Norte Riograndense –
FAMEN - como pré-requisito para a obtenção
do título de graduada em Pedagogia.

Orientadora: Professora Mestre Adriana
Mônica Oliveira

**NATAL-RN
2023**

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte
Biblioteca Immanuel Kant – Faculdade Metropolitana Norte Riograndense

S586p Silva, Kelly Risomar Fabrício dos Santos.
Diálogos sobre a Educação de Jovens e Adultos – EJA / Karoline
Fonseca da Silva. – Natal, 2023.
36 f.

Monografia (Graduação em Pedagogia) – Faculdade
Metropolitana Norte Riograndense, Departamento de Pedagogia.
Natal, RN, 2023.

Orientadora: Profa. Ms. Adriana Mônica Oliveira.

1. Educação de Jovens e Adultos – Monografia.
2. Alfabetização – Monografia 3. Letramento – Monografia.
I. Oliveira, Adriana Mônica. II. Título.

CDD – 370

CDU – 37

Elaborada pelo Bibliotecário Miqueias Alex de Souza Pereira – CRB – 15/925

Índice de catálogo sistemático:

1. Educação – 370
2. Educação. Ensino. Instrução – 37

KELLY RISOMAR FABRICIO DOS SANTOS SILVA

DIÁLOGOS SOBRE A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS - EJA

Monografia apresentada ao curso de Pedagogia,
da Faculdade Metropolitana Norte Riograndense
(FAMEN) como pré-requisito para a obtenção
do título de graduada em Pedagogia.

Monografia apresentada e aprovada em 21/07/2023, pela seguinte Banca Examinadora:

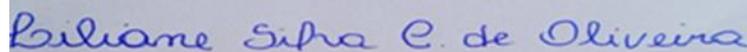
BANCA EXAMINADORA



Professora Orientadora Mestra Adriana Mônica Oliveira
FAMEN



Professora examinadora Mestra Valdete Batista do Nascimento
FAMEN



Professora examinadora Mestra Liliane Silva Câmara de Oliveira
FAMEN

NATAL/RN

2023

DEDICATÓRIA

Ao maravilhoso Deus, meu refúgio e fortaleza, que, nos momentos nos quais pensei em desistir, Ele segurou minha mão, trazendo forças e esperança. À minha mãe Evânia, símbolo de força e de amor; aos meus filhos e ao meu esposo, os quais foram motivos de incentivos e de resiliência.

AGRADECIMENTOS

Ao bondoso Deus, por me conceder forças para continuar trilhando os caminhos acadêmicos; se cheguei até aqui foi porque Ele permitiu, concedendo-me otimismo para jamais desistir.

Ao meu esposo Diego Luiz, sempre presente nesse processo acadêmico, me incentivando, superando comigo as dificuldades diárias, tendo que conciliar trabalho, estudos e filhos. O cuidado com nossos filhos durante este tempo foi fundamental para que eu levasse à frente esse sonho de me tornar Pedagoga.

Aos meus filhos Davi Luiz e Daniel Luiz, motivos de eu não desistir, sendo as bases da minha vitória hoje alcançada.

A minha psicóloga Talita que escutou todas as minhas angústias, decepções e principalmente alegrias.

Aos meus colegas de sala, pelos momentos de ajudas e aprendizagens mútuas.

Aos queridos professores da FAMEN, a Diretora Acadêmica, Professora Valdete e demais funcionários, por serem profissionais humanizados, comprometidos e incentivadores, os quais fortaleceram a certeza de que estaria no caminho certo,

A minha orientadora Adriana Mônica, pela sua paciência; por sua orientação tão humanizada e incentivadora; pelo seu carinho, sempre nos dando todo o suporte necessário para chegarmos até aqui, não desistindo de nenhum aluno, acreditado no potencial de todos.

Agradeço imensamente a todos que, direta ou indiretamente contribuíram para a realização do sonho de me tornar uma Pedagoga.

É impossível o professor levar avante seu trabalho de alfabetização ou compreender a alfabetização, quando separa completamente a leitura da palavra, da leitura do mundo. Ler a palavra e aprender como escrever a palavra, de modo que alguém possa lê-la depois, são precedidos do aprender como “escrever o mundo”, isto é, ter a experiência de mudar o mundo e estar em contato com o mundo.

Paulo Freire (1996)

RESUMO

Esta monografia trata de várias nuances no cenário da Educação de Jovens e Adultos – EJA, percorrendo caminhos históricos de lutas, de desafios e também de conquistas, tencionando apresentar aos que fazem parte da educação de uma forma geral, a importância do bom funcionamento da EJA para o desenvolvimento dos alunos que buscam recuperar o tempo considerado perdido, no que diz respeito à sua educação escolar. Dialogar sobre a EJA é voltar ao tempo para que o hoje seja compreendido de forma mais suave; é sensibilizar as autoridades educacionais para que possam fazer valer as políticas públicas educativas; é disseminar aos docentes a importância de romper com paradigmas meramente tradicionais, que engessam os processos de ensino e de aprendizagem, para que eles olhem os alunos da EJA como indivíduos dotados de capacidades. Compreender as teorias direcionadas à educação de adultos, faz com que tenhamos propriedade para juntá-las às nossas práticas, na assertiva de que o dito precisa ser feito, ou seja, não vale apenas conhecer métodos se não sabemos como aplica-los de forma a conduzir os alunos pelos caminhos das aprendizagens. Para a construção deste trabalho, foram indispensáveis as contribuições dos teóricos da temática em estudo, como Gadotti (2003), Ventura (2012), Vasconcelos e Brito (2014), Gil (2016), Freire (2018), entre outros estudiosos que muito contribuíram para que pudéssemos dialogar sobre a EJA, além das contribuições das disciplinas durante todo o curso, em especial as orientações dadas no período de construção deste Trabalho de Conclusão de Curso. Dialogar sobre a EJA é dialogar sobre vidas.

Palavras-chave: Diálogos; EJA; Desenvolvimento; Autonomia.

ABSTRACT

This monograph deals with various nuances in the scenario of Youth and Adult Education - EJA, traversing historical paths of struggles, challenges and also achievements, intending to present to those who are part of education in general, the importance of the proper functioning of EJA for the development of students who seek to recover the time considered lost, with regard to their school education. Dialoguing about EJA is going back in time so that today is understood more smoothly; it is to sensitize educational authorities so that they can enforce educational public policies; it is to disseminate to teachers the importance of breaking with purely traditional paradigms, which imprison the teaching and learning processes, so that they look at EJA students as individuals endowed with capabilities. Understanding theories aimed at adult education makes us able to combine them with our practices, in the assertion that what has been said needs to be done, that is, it is not worth knowing methods if we don't know how to apply them in order to guide students through the paths of learning. For the construction of this work, the contributions of theorists of the subject under study were indispensable, such as Gadotti (2003), Ventura (2012), Vasconcelos and Brito (2014), Gil (2016), Freire (2018) among other scholars who contributed a lot. so that we could dialogue about EJA, in addition to the contributions of the disciplines throughout the course, in particular the guidelines given during the construction period of this Course Completion Work. Dialogue about EJA is dialogue about lives.

Keywords: Dialogues; EJA; Development; Autonomy.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	Erro! Indicador não definido.
2 CONTEXTO HISTÓRICO DA EJA NO BRASIL	12
3 PAULO FREIRE E O SEU LEGADO PARA A EDUCAÇÃO	16
4 DIFICULDADES NA EJA: para além da cognição.....	21
4.1 Atuação do professor na EJA	25
5 METODOLOGIAS	29
6 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	30
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
REFERÊNCIAS.....	34

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho cuja temática trata de Diálogos sobre a Educação de Jovens e Adultos - EJA, consiste em uma pesquisa de relevância no âmbito educacional, por esta ser uma modalidade de ensino que ainda não tem o valor reconhecido como deve, e que, por vezes, muitas pessoas não procuram conhecer seu percurso histórico de lutas. Tecer conhecimentos sobre a EJA diz respeito a abrir caminhos para reflexões acerca de uma educação pautada pela esperança, pela liberdade de expressão, pelo desejo de conquistar um espaço no cenário da Educação Básica de forma igualitária e com equidade.

A EJA é um universo desafiador, por ter em seu público alvo, em grande maioria, pessoas fragilizadas pelo tempo considerado perdido, no que diz respeito à educação escolar; são alunos com esperanças e desejos latentes, os quais precisam ser percebidos pelos educadores, e estes, devem ter olhares e ações prospectos e potencializadores para que, através do desejo de ensinar, possam provocar nos alunos o desejo de aprender, de frequentar a escola, de reconhecer-se como capazes de avançar em suas aprendizagens.

São vários os motivos condicionadores à realização desta pesquisa, dentre eles, a necessidade de apresentar a educação de adultos como uma modalidade de ensino de potencial igual às demais; desmistificando que a EJA é apenas uma educação paliativa, superficial ou desnecessária. Assim sendo, objetivamos apresentar a Educação de Jovens e Adultos como resultado de muitas lutas, muitos fracassos, muitos avanços, enfim, apresentarmos como um ensino que superou e ainda está superando muitos desafios e preconceitos educacionais, ou seja, é uma modalidade de ensino de resistência, de desafios, mas também de muitas possibilidades.

Para a realização desta pesquisa, foram adotados os procedimentos metodológicos das pesquisas bibliográfica e qualitativa, através das quais buscamos os fundamentos teóricos de autores da área em estudo, tais como Gadotti (2003), Ventura (2012), Vasconcelos e Brito (2014), Gil (2016), Freire (2018), entre outros autores que enveredam pelos caminhos da EJA, além das contribuições oriundas das orientações em sala de aula, no período da construção deste Trabalho de Conclusão de Curso.

Em sua estruturação, esta monografia contempla o contexto histórico da EJA no Brasil, onde são apresentados alguns percursos de lutas, de desafios e também de conquistas; posteriormente tratamos da importância do legado de Paulo Freire para a Educação, em especial à Educação de Jovens e Adultos tão defendida por ele e, por meio de seus métodos alfabetizadores, foi expandindo a ideia de uma educação libertadora e autônoma.

No quarto capítulo elucidamos as dificuldades na EJA para além da cognição, ou seja, procuramos mostrar que as dificuldades referentes a aprendizagem são consequentes de outras dificuldades externas, como por exemplos, as questões sociais, culturais, psicológica, afetivas, as quais, juntamente com a dificuldade em aprender cognitivamente, faz com que muitos alunos pratiquem a evasão escolar, tão peculiar à essa modalidade de ensino de jovens e de adultos. Nesse contexto, apresentamos a importância da atuação do professor da EJA, que deve ser norteada por práticas humanizadas, possíveis de transformar as limitações em possibilidades de aprendizagens.

As metodologias aplicadas à esta pesquisa também foram contempladas, na tentativa de esclarecer aos leitores, o caminho percorrido para a efetivação deste trabalho; outro ponto estruturante diz respeito aos resultados e discussão, parte em que dialogamos sobre a temática em estudo. A parte final diz respeito às considerações finais, onde foi possível tratar de pontos relevantes da pesquisa e do que esperamos como resultado após apreciação; por fim, as referências bibliográficas, na qual elencamos as fontes teóricas pesquisadas e utilizadas no corpo desta monografia.

2 CONTEXTO HISTÓRICO DA EJA NO BRASIL

Em seu contexto histórico, a Educação de Jovens e Adultos – EJA teve uma trajetória de lutas pela alfabetização no Brasil, apresentando uma população que sofria com o alto índice de analfabetismo. Com o passar dos anos, foram surgindo os programas, abrindo espaços de oportunidades para os alunos EJA.

O analfabetismo não é um termo atual, ele está presente desde os tempos dos Jesuítas, onde os índios eram catequizados e alfabetizados para a língua portuguesa, com o intuito da formação religiosa dos indivíduos. Em 1759 os Jesuítas foram expulsos do país, e, segundo tal fato fez com que a educação da época entrasse em crise. O direito a estudar foi direcionado à classe da elite, dessa forma, excluindo os índios e os negros. O modelo educacional adotado pelos jesuítas preconizava alfabetizar e catequizar de forma não igualitária: o primeiro destinado aos privilegiados, ou seja, para os filhos da elite da época; o segundo modelo era voltado apenas para os indígenas. Essa separação deixou perceptível a segregação da educação desde os tempos remotos.

A partir de 1960 a maioria da população não podia votar por ser analfabeta, deixando de exercer sua cidadania. Os considerados analfabetos eram excluídos da sociedade, sem direitos para participar das eleições, porém depois dos anos 60 surgiram movimentos em busca de uma educação para todos, viabilizando o acesso aos estudos, daqueles que não conseguiram concluir os estudos no tempo considerado certo, de acordo com a idade (BELEZA; NOGUEIRA, 2020).

O término dos anos 50 e o início dos anos 60 foram marcados pela mobilização social em prol de uma educação direcionada aos adultos. Paulo Freire foi um dos que lutou por uma educação de qualidade, as propostas de Freire inspiraram os principais programas do governo, no que diz respeito à alfabetização e educação popular de adultos até a década de 60.

O pensamento pedagógico de Paulo Freire, assim como sua proposta para a alfabetização de adultos, inspirou-se nas principais propostas de alfabetização e educação popular que se realizaram no país no início dos anos 60. Essas propostas foram empreendidas por intelectuais e estudantes católicos engajados numa ação política junto aos grupos populares. Ressalta-se que os trabalhos de educação popular, em particular da alfabetização, foram na sua grande maioria inspirados nas ideias de Paulo Freire, na chamada Pedagogia da Libertação ou Pedagogia dos Oprimidos. Ao longo das décadas foram criados e implementados pelo governo diversos projetos que visavam atingir o público-alvo de jovens e adultos analfabetos e erradicar os índices negativos do Brasil nessa modalidade (COSTA; NOGUEIRA, 2019, p.8).

As propostas de Paulo Freire influenciaram outros movimentos que buscavam o objetivo principal que era a alfabetização dos indivíduos. Os movimentos educacionais em prol da educação de adultos se inspiravam nas práticas pedagógicas de Freire, sobre a pedagogia da libertação. Libertação no sentido de autonomia e livre expressão aos alunos.

Vieira (2004) elucida em seus estudos, alguns aspectos históricos da Educação de Jovens e Adultos, a saber:

- ✓ Criação da Campanha Nacional de Educação Rural (CNER) – 1952-1956;
- ✓ Em meados dos anos de 1950, a Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo (CNEA), marcando novos diálogos acerca da EJA;
- ✓ Em 1958 foi realizado o segundo Congresso Nacional de Educação de Adultos. Neste contexto, Paulo Freire defendeu uma educação dialógica, possível da participação das classes populares;
- ✓ Em 1960 as campanhas de alfabetização foram evidenciadas; no entanto, se contrapondo a essas campanhas, em 1964, com o golpe militar, todas as mobilizações em prol do fortalecimento da cultura popular foram reprimidas;
- ✓ O MOBREAL tem seu início na década de 70, tendo como cerne a erradicação do analfabetismo em uma década;
- ✓ Em 1971, a implantação do ensino supletivo foi um marco importante na história da EJA.

Ao longo desse período de mudanças, o governo lança novos projetos visando acabar com o analfabetismo no Brasil. Em 1967, o governo militar criou o MOBREAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização), com o objetivo de alfabetizar e promover uma educação continuada, porém, suas ações se limitavam apenas aos atos de ler e escrever, deixando de lado a importância da formação do homem. A educação era mais voltada para o tecnicismo, cujo objetivo maior seria interesse pela formação de mão de obra para o trabalho, preparando os alunos exclusivamente para o meio profissional, desconsiderando a importância das vivências dos discentes. Tais práticas se opunham as propostas de Freire, nas quais os sujeitos eram protagonistas das suas próprias histórias.

Diante da proposta adotada pelo MOBREAL, surgiram críticas por parte dos professores, por acreditarem que o governo tencionava manter as pessoas analfabetas. Diante dessas fragilidades e/ou limitações, o movimento durou menos de dez anos, sendo extinto em 1985, entrando no seu lugar a Fundação Educar. Em 1985, ano da extinção do MOBREAL, o Brasil apresentava cerca de 30 milhões de jovens e adultos analfabetos (BELUZO, 2015).

A Fundação Educar tinha como propósito supervisionar os investimentos dos recursos para saber de fato, se estavam sendo destinados para a execução dos programas e capacitações profissionais responsáveis pela efetivação das atividades de ensino inerentes aos programas

voltados à EJA. Em 1990, no Governo Collor, a Fundação Educar foi extinta, não sendo substituída por nenhum outro projeto.

A história da EJA no Brasil chega em 1990, exigindo reformulações pedagógicas. Depois de muitas lutas, surge a implantação da LDB (Lei e Diretrizes e Base), Lei de nº 9394/96, que veio para garantir o direito a educação para todos, assegurando a gratuidade para aqueles que não terminaram os estudos na idade regular. Em seu capítulo II, seção V está contemplada a gratuidade e a obrigatoriedade da oferta da educação para todos, assim também como o acesso à escola àqueles que não concluíram o ensino em idade própria.

A LDB 9394/96 apesar de contemplar apenas dois artigos destinados à Educação de Jovens e Adultos, contribuiu significativamente para o avanço dos egressos na EJA. Essa lei fortaleceu a modalidade de ensino EJA, e dos que continuavam lutando por uma Educação de Adultos de qualidade, pautada em um ensino contextualizado (BRASIL, 1996).

À luz dos estudos de Costa (2019), surgiram vários movimentos após os anos 90, podemos destacar alguns como o Movimento de Alfabetização (MOVA) que buscava trabalhar o contexto social do indivíduo, fazendo com que fosse participante da sua aprendizagem, esse programa foi iniciado pelo próprio Paulo Freire, na tentativa de diminuir a taxa de analfabetismo e potencializar a participação dos indivíduos nos programas.

Com a regulamentação da Diretrizes Curriculares para a Educação de Jovens e Adultos (DCN/EJA), pela Resolução CNE/CEB, nº 1 de 5 de julho de 2000 e pelo Parecer 11/2000 do CNE, a Educação de Jovens e Adultos foi reconhecida como modalidade da educação básica (BRASIL, 2000).

O Programa de Alfabetização Solidária (PAS), em 2003 passou a se chamar AFASOL, destinado a educação e vinculadas ao combate à fome e a pobreza, tendo como objetivo reduzir o número de analfabetos, principalmente entre as faixas etárias de 12 aos 18 anos. Segundo Lázaro e Teles (2014, p.30) “O Programa lançou a campanha Adote um Analfabeto, que estimulava doações de pessoas físicas para o sustento financeiro das ações”.

Ainda no ano de 2003, surge o Programa Brasil Alfabetizado - PBA, com sua funcionalidade norteada através de recursos financeiros federais, para garantir o acesso à educação aos sujeitos, por meio da transferência de recursos financeiros provenientes do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE). O PBA coloca a educação de jovens como prioridade da agenda educacional brasileira, potencializando todo o esforço para a adoção de uma política pública que garanta a educação como direito de todos os cidadãos (HENRIQUES, 2006).

Em 2011 foi criado o PRONATEC - Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego, que visava o crescimento profissional, dando oportunidades para os que estavam fora da sala de aula e ampliando as oportunidades profissionais. Mesmo com toda essa trajetória de luta durante todo esse período, o aluno EJA ainda busca seu espaço na sociedade, buscando combater o preconceito na esperança de ser reconhecido como um sujeito de direitos e deveres. Nesse contexto histórico, Silva (2017) relata que há uma busca dos personagens para superar suas condições precárias de vida, no tocante à moradia, saúde emprego, locomoção, alimentação, dentre outras que estão interligadas ao problema do analfabetismo.

Essa trajetória feita pela Educação de Jovens e Adultos, nos leva a refletir o quanto os envolvidos nessa modalidade de ensino vem lutando pelo seu espaço na sociedade, que, mesmo após vários programas e movimentos ainda existem preconceitos em relação ao educando da EJA, que tem buscado uma condição de vida melhor e assim tenta encontrar na escola, um espaço de oportunidades para mudança de sua vida.

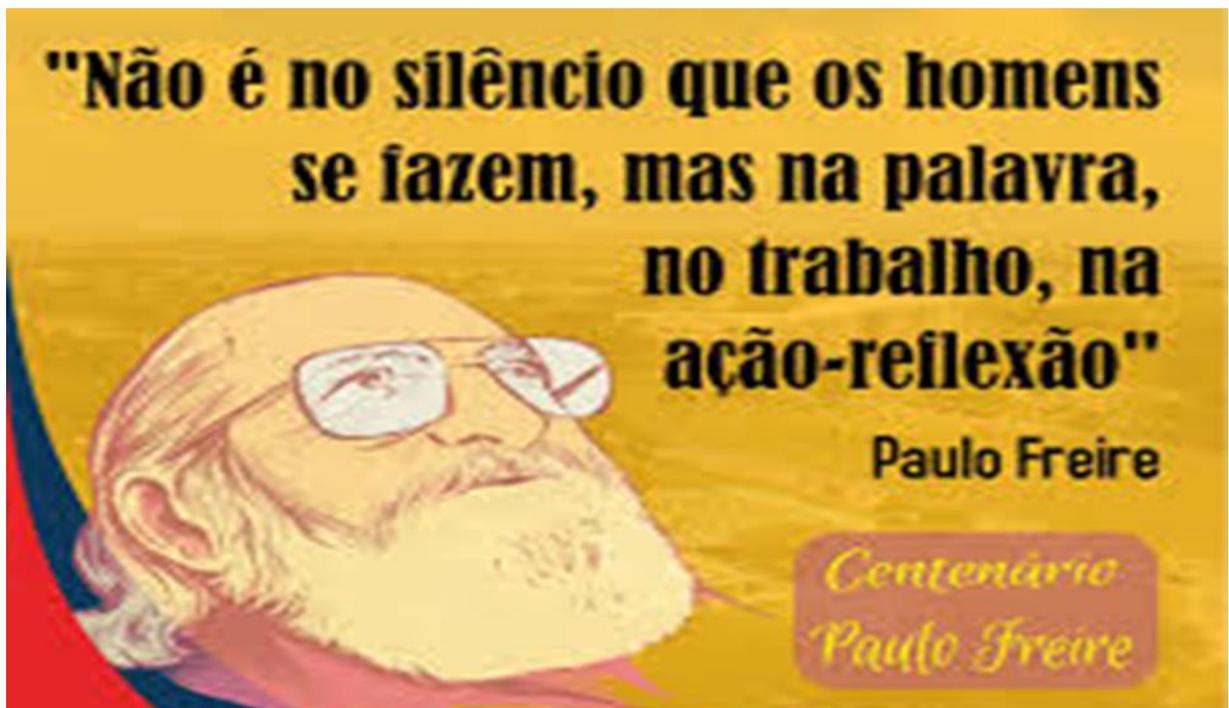
Freire (2002) evidencia que a luta em favor da igualdade, do direito e da livre expressão, torna-se fragilizada diante de um regime que se oponha a liberdade de falar, de criticar, de discordar, de ir e vir, ou seja, que não permita que o indivíduo seja ele mesmo. O papel do educador é relevante, quando sua prática é conscientizadora e transformadora, viabilizando espaços para que os alunos exponham suas leituras de mundo, e, a partir delas, a leitura das palavras emergirá.

Freire (1987) criticava a forma que o sujeito era instruído, deixando de lado os direitos, sendo oprimido por um regime que ditava as formas com qual o indivíduo teria que pensar, tirando a liberdade do sujeito ter uma visão crítica da realidade ao qual estava inserido. Desde muito tempo o sujeito EJA vem buscando seu direito à educação, vários programas foram criados em busca de diminuir o índice de analfabetismo, alguns fracassaram, porém, a EJA tem se modificado a cada dia, buscando seu espaço na sociedade, deixando de lado, o preconceito, lutando por uma educação de qualidade.

A cada dia a Educação de Jovens e Adultos vem crescendo, conquistando espaços trazendo uma esperança para os alunos seguirem seus caminhos acadêmicos. O poder público deve ter conhecimento de que a EJA é uma modalidade que merece ser respeitada, tendo consciência de que o objetivo não é tão somente alfabetizar, mas tornar os alunos livres para tomar suas decisões.

3 PAULO FREIRE E O SEU LEGADO PARA A EDUCAÇÃO

Paulo Freire (1921-1997) educador e filósofo pernambucano, considerado o patrono da educação brasileira, foi o brasileiro mais homenageado da história por títulos de Doutor Honoris Causa, recebendo ao menos 35 homenagens de universidades brasileiras e estrangeiras. Freire buscou principalmente na educação de jovens e adultos, lutar pela igualdade principalmente dos mais pobres, defendendo que o maior objetivo da educação era conscientizar os alunos para que eles se tornassem indivíduos críticos, os seus formadores de opiniões próprias (FERRARI, 2021).



FONTE: Google imagens (2023)

Para a efetivação de uma educação libertadora, a qual se contrapõe a educação bancária, é necessário que os educandos sejam autônomos e respeitosos em seus pensamentos, em suas palavras, em suas ações, em suas reflexões; que não sejam permissivos às opressões; que sejam ativos e resilientes. Neste contexto, o papel do educador ganha responsabilidade, ou seja, precisa ser um professor que tenha também pensamentos libertadores, que provoquem nos alunos o desejo de aprender, por conseguinte, se faz necessário, a priori, se ter o desejo de ensinar.

A palavra sempre foi evidenciada por Freire em suas literaturas, palavra esta que representa a liberdade de expressão dos sujeitos, que os coloca na posição de protagonistas das suas histórias; que os fazem refletir sobre suas ações, os tornando sujeitos críticos, capazes de serem transformados pelo meio, mas também serem agentes de transformações. Silenciar pode representar submissão, medo, e diante disto, a pedagogia preconizada por Freire, sempre foi norteadada por uma visão holística.

Vivendo em uma sociedade onde os privilégios eram para os mais favorecidos, Freire (2018) viu a necessidade de no Brasil se ter uma educação mais libertadora. Fazia a analogia da libertação com um parto doloroso “[...] o homem que nasce desse parto é um homem novo que só é viável na e pela superação da contradição opressores-oprimidos, que é a libertação de todos” (FREIRE, 2018, p. 48).

Sobre a educação opressora, a qual tinha um ensino focado apenas em preparar os alunos para mão de obra, o papel do professor se resumia apenas em transmitir o conteúdo, sem se importar com os conhecimentos dos alunos, educação esta, descrita por Freire (2006) como bancária.

Em lugar de comunicar-se, o educador faz comunicados e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção bancária da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los (FREIRE, 2006, p. 33).

Na concepção freiriana, considerar o professor como detentor de todo saber, tendo uma percepção de superioridade sobre o educando, fazendo-o uma espécie de receptor ao qual recebia o conhecimento transmitido pelo docente, fugia dos princípios de uma educação autônoma e libertadora. Através de suas publicações ele mostrava o descontentamento como a forma de educar era aplicada à condução de alunos sem força de expressão.

O pensamento de Paulo Freire focava em mudar o mundo para melhor, onde as pessoas receberiam educação de qualidade e por meio dela a transformação do indivíduo, para que ele também pudesse tomar suas decisões com base em discussões. Freire (1987, p.31) afirmava que “[...]Educador e educandos (liderança e massas), co-intencionados à realidade, se encontram numa tarefa em que ambos são sujeitos no ato, não só de desvelá-la e, assim, criticamente conhecê-la, mas também no de recriar este conhecimento”.

A Educação era analisada como um ponto de partida para a transformação; as trocas de experiências da vida do indivíduo, faziam-lhe aprender mais do que as cartilhas que eram colocadas para memorização de forma mecanizada. O aluno, por meio do seu senso comum, aprendia também por meio da interação entre professor/aluno e alunos/alunos. A inconclusão

do ser humano é algo considerado, na vertente freiriana, como sentimento indispensável ao crescimento pessoal, à educação sob a ótica de Freire (2006, p. 64), “[...] mulheres e homens se tornam educáveis, na medida em que reconheceram inacabados.”

Nessa perspectiva de inacabamento, acreditamos que ensinar e aprender se constituem processos dinâmicos, nos quais não há detentores de saberes, mas sim, pessoas que entrelaçam seus conhecimentos com os conhecimentos do outros, construindo assim, uma teia de informações precisas e reais.

Freire foi responsável pelos métodos propostos à alfabetização daqueles que não concluíram ou não tiveram acesso ao ensino em tempo próprio. Ele visava uma educação inclusiva e integradora, na qual o espaço educacional fosse preparado para receber o educando, promovendo uma educação libertadora, a partir de sua grade curricular. Mesmo após seu falecimento em 1997, ainda é notável a contribuição que ele deixou para a sociedade.

Atualmente vemos crescer em todo o mundo e, em especial, na América Latina e no Brasil, o número de cátedras, institutos e grupos de pesquisa que se voltam para estudos sobre o pensamento educacional de Paulo Freire e das práticas freirianas escolares e socioeducacionais, bem como, para a formação de educadores/as e a realização de práticas educacionais e de eventos acadêmicos e culturais e publicações (GADOTTI, 2003, p. 54).

Há um distanciamento significativo entre a proposta educacional freiriana e a corrente pedagógica tradicional; a primeira valoriza a educação e a alfabetização de adultos como tomada de consciência, através de ações sociais. São exploradas palavras geradoras, as quais trazem ao cenário da EJA, um ensino significativo, contextualizado, pois, tais palavras fazem parte do cotidiano dos alunos egressos nessa modalidade de ensino; a segunda tem o professor como detentor do saber, com postura de autoritarismo, sendo o ensino descontextualizado da vida dos educandos, sem trazer-lhes significados.

O cerne da metodologia freiriana é evocar vocábulos conhecidos pelos educandos, partindo da premissa de que de fato, a leitura de mundo antecede a leitura das palavras. Reiteram que é de suma importância compreender os percursos de vida de cada aluno da EJA, respeitando as diferenças apresentadas, pois, cada ser em sua individualidade, explica o mundo de acordo com as suas experiências culturais e sociais.

É perceptível a contemporaneidade dos estudos de Paulo Freire, pois, atualmente a EJA está, mesmo que paulatinamente, conquistando um espaço significativo no âmbito educacional; os professores deixando de lado seus perfis autoritários, engessados, através de rupturas de paradigmas que tornam os alunos sujeitos passivos.

Através de seu legado, podemos refletir e nos autoavaliarmos sobre as nossas práticas, criando espaços para que os alunos tenham vez e voz; compreendendo as limitações acerca dos alunos da EJA, assim também como despertando suas potencialidades e habilidades. A concepção freiriana condiciona a enxergarmos a educação em um caminho de igualdade e de equidade, na qual os alunos são protagonistas das suas próprias criações, uma educação de fato, libertadora e humanizada.

Por sua crença numa educação alfabetizadora que forma e conscientiza, Paulo Freire lutava pela emancipação dos sujeitos egressos na EJA. Através da leitura da palavra, seria possível os alunos enxergarem o mundo ao seu entorno e compreender o até então incompreensível. No Rio Grande do Norte, Paulo Freire concebia como problema maior a fragilidade do ensino, tal situação gerava atraso no desenvolvimento econômico e social.

O Estado do Rio Grande do Norte, em 1963, promoveu uma campanha de alfabetização, precisamente na cidade de Angicos/RN, traçando objetivos para além da prática de alfabetizar. O projeto de alfabetização também previa:

Dar ao adulto o domínio das habilidades fundamentais em linguagem, leitura e aritmética; promover o renascimento ou a criação de ideias e padrões elevados de vida; formar no homem a convicção da sua responsabilidade (e da responsabilidade do estado) em dar educação aos seus filhos; habilitá-los ao exercício da cidadania, como eleitor, como membro de uma nação livre e como participante ativo do regime democrático; promover a elevação do seu nível de vida em casa, do ponto de vista de higiene, do conforto e da alimentação; habilitá-los à administração equilibrada dos seus recursos financeiros e da direção de sua própria vida; despertar nele a noção de que ele, sua mulher e seus filhos têm direito a uma vida melhor (LYRA, 1996, p. 152).

O encerramento do exitoso projeto de alfabetizar em 40 horas, consolidado no município de Angicos, em 1963, no Estado do Rio Grande do Norte, contou com a presença de renomadas pessoas que acreditavam na proposta de alfabetização: João Goulart, Aluizio Alves, respectivamente Presidente da República e Governador do RN da época e Paulo Freire, idealizador da desafiadora missão de alfabetizar os jovens e os adultos em tempo considerado impossível.

Em sua literatura, Lyra (1996) transcreve o discurso proferido por Paulo Freire, no ato do encerramento do projeto de alfabetização:

[...] De hoje em diante, esses homens vão votar não nos homens que lhes peçam um voto; vão votar não nos políticos que somente porque sejam políticos se apoderaram do seu destino; vão votar não somente nos coronéis ou porque sejam coronéis, mas vão votar precisamente à medida em que esses candidatos revelem uma possibilidade de realmente e de lealmente servir ao povo e servir a ele mesmo [...] (LYRA, 1996, p. 115).

A experiência vivenciada em Angicos, considerada exitosa, mostra como, ao se valorizar a educação em suas dimensões política, social, cultural e humana, se possibilita o rompimento de paradigmas que estagnam os avanços na/para a sociedade. Paulo Freire, após 30 anos da sua experiência, recebeu o justo título de Cidadão Angicano.

Diante de tantas contribuições de Paulo Freire, é impossível não o laurear no universo educacional. Ele nos mostrou caminhos até então esquecidos, através dos quais nos permitimos refletir sobre o que seja de fato uma educação promissora, libertadora e humanizada.

4 DIFICULDADES NA EJA: para além da cognição

A Educação de Jovens e Adultos é uma modalidade de ensino caracterizada por algumas dificuldades, as quais não se referem apenas às aprendizagens escolares. São também dificuldades sociais, emocionais, cognitivas, psicomotoras, entre outras. As dificuldades de aprendizagem são ocasionadas por fatores externos ao indivíduo, ou seja: falta de estímulos, prática pedagógica pautada em um ensino meramente tradicionalista, contexto social vulnerável, dentre outros.

Alves (2013) enfatiza que as dificuldades de aprendizagem são representadas pelas limitações dos alunos no momento de fazer o uso correto das informações recebidas pelo meio educacional, apresentado incapacidade de compreensão leitora, de destreza na escrita, no cálculo matemático, enfim, são representadas pelas não realizações do que se propõem pedagogicamente.

As dificuldades de aprendizagens são sanáveis, ou seja, podem ser extinguidas, desde que haja uma participação coletiva entre profissionais, alunos e famílias. Dessa forma, ao ser reconhecido como um indivíduo de possibilidades, o aluno da EJA conseguirá superar suas limitações no contexto do espaço da sala de aula. Quando bem estimulado, por um tempo considerado significativo, caso o aluno não apresente nenhum avanço, por menor que seja, é importante que a escola tome medidas preventivas, sugerindo a busca por ajuda de profissionais que possam sinalizar um possível transtorno da aprendizagem.

Correia e Martins (2013) expressam as dificuldades de aprendizagem como uma desorganização neurológica, a qual é caracterizada de forma geral, numa visão orgânica, por uma diferença significativa “[...] acentuadamente o potencial estimado do educando e a sua realização escolar [...] numa perspectiva educacional [...] impedimento para a aprendizagem da leitura, da escrita ou do cálculo [...]” (CORREIA; MARTINS, 2013, p. 6).

As dificuldades de ordem educacional escolar são bem evidenciadas no contexto da educação de jovens que não concluíram os estudos em idade considerada adequada, contudo, para que esse desafio educacional seja enfrentado positivamente, se faz necessário olhares holísticos por parte dos professores, para que possam compreender que, o processo de aprendizagem não se limita apenas aos atos de ler e de escrever, mas também é influenciado pelo psíquico, pelo social, pelo emocional, pelo psicomotor, pelo cognitivo, enfim, por aspectos humanos que devem estar em uma harmonia considerável.

Outro ponto relevante é entender que, para que aprendizagem se efetive, é necessário o bem estar de quem aprende. Como aprender a ler e a escrever estando com fome, triste, deprimido, com autoestima baixa, sem receber estímulos e sem acreditar em si mesmo? Sob a visão de Carbone (2013),

Muitas vezes os alunos vêm para a escola com problemas, oprimido, baixa autoestima, por vezes pela condição de excluído, de retardatário, que chega à escola cansado, e diante de uma situação nova, e diferente, sente-se oprimido e desestimulados a acreditar que são capazes (CARBONE, 2013, p. 17).

No contexto do pensamento da autora ora citada, reiteramos a importância de os professores perceberem os alunos em sua totalidade humana, considerando suas limitações refletidas no processo de aprendizagem. Nessa perspectiva, os alunos criarão um vínculo de confiabilidade e a relação entre o ensinar e o aprender se tornará mais estreita, mais fortalecida, propiciando de fato, uma educação escolar humanizada.

Gonçalves (2015) evidencia o abandono dos alunos da EJA como um dos grandes desafios para a escola, em especial para os professores, os quais, segundo a autora, devem refletir sobre suas práticas, sem infantilizações, evidenciando um ensino qualitativo para que haja uma aprendizagem também qualitativa, com significados reais aos educandos.

O cuidado com o aluno que deixa de frequentar as aulas, sem justificativas, deve ser uma prática conjunta entre professores e gestão escolar, pois, tal fato é algo corriqueiro no universo da EJA, uma vez que, em sua maioria, os alunos são oriundos de famílias de baixa renda, trabalham exaustivamente durante todo o dia, chegando na escola fadado ao fracasso em várias áreas humana. A aprendizagem deve ser concebida como um processo contínuo, refletido em todas as nossas ações.

Desenvolvimento e aprendizagem são processos interligados, ambos dependem tanto dos fatores intrínsecos quanto dos extrínsecos. Na concepção de Paín (2010), os fatores externos são aqueles oriundos do meio social no qual o sujeito está inserido; os fatores internos compreendem o corpo, cuja responsabilidade diz respeito aos automatismos, articulações, motricidade, registros, reconhecimento e fixação de diferentes estímulos; as estruturas cognitivas que são responsáveis pela organização dos estímulos, transformando-os em conhecimentos, representando o intelecto; a dinâmica comportamental que retrata a atuação do sujeito acerca da realidade, gerando a produção de mudanças em seus comportamentos.

Por meio da sua função reparadora, a Educação de Jovens e Adultos, tenciona o resgate daqueles que não conseguiram as habilidades de ler e de escrever na idade considerada correta.

O professor tem papel preponderante nesta modalidade de ensino, para tanto, ele deve ter olhares possíveis de enxergar muito mais do que momentos limitados à sala de aula, assim sendo, o diálogo, a confiabilidade, a prática humanizada, a percepção do aluno como ser que pensa e que sente, são dimensões imprescindíveis para que os alunos acreditem na capacidade de mudar o cenário de sonhos inatingíveis, para um cenário de realizações.

No contexto da EJA, a educação deve ser de caráter transformador, ou seja, deve provocar aos educandos, descobertas de potencialidades até então latentes, possibilitando o enfrentamento das dificuldades surgidas durante os processos de ensino e de aprendizagem, oferecendo ações que elevem sua autoestima, para que as fragilidades que abarcam várias áreas, possam ser enfrentadas e transformadas em aprendizagens.

O público alvo da Educação de Jovens e Adultos, em sua maioria, traz consigo um contexto histórico, uma realidade sociocultural de buscas por melhorias de vida. Aprender consiste em melhorar a vida em vários aspectos. Sob o pensamento de Gadotti (2013, p. 31) “Os jovens e adultos trabalhadores lutam para superar suas condições precárias de vida (moradia, saúde, alimentação, transporte, emprego, etc.) que estão na raiz do problema do analfabetismo [...]”

Para cumprir seu papel social com especificidade de EJA, a escola não pode negar que os egressos nessa modalidade de ensino, em sua maioria são trabalhadores rurais, desempregados, possuem baixa autoestima, não têm estímulos familiares, pois, muitas vezes são oriundos de famílias com pais em estado de analfabetismo. São realidades por vezes, gritantes. Essas dificuldades afetam o processo cognitivo dos alunos, para tanto, há necessidade de a escola ser acolhedora e humanizada, para que possa entender que os alunos não são preguiçosos, mas sim, são pessoas que precisam de olhares diferenciados, de ações que fomentem nelas o despertar para um novo mundo.

O baixo desenvolvimento cognitivo dos alunos da EJA, pode ser elucidado por fatores diversos tais como: neurológico, ambiental, social, emocional, cultural, psicomotor, psicológico, dentre outros. Nessa perspectiva “[...] os problemas de aprendizagem não são restringíveis nem a causas físicas ou psicológicas, nem a análises das conjunturas sociais. É preciso compreendê-los a partir de um enfoque multidimensional” (SCOZ, 1994, p. 22).

As emoções influenciam nos processos de ensino e de aprendizagem, assim sendo, compreendê-las pode contribuir significativamente para a melhoria da educação escolar, proporcionando aos alunos, a certeza de que serão entendidos frente as suas fragilidades. Gonsalves (2015) aborda a temática sobre emoções, destacando que:

As emoções são reações que temos mediante informações que recebemos, sendo que essas informações surgem a partir das relações que estabelecemos com o entorno. A intensidade das emoções, portanto, está na dependência da avaliação realizada sobre a informação recebida que se dá, necessária e diretamente relacionada, com nossos conhecimentos prévios, crenças, objetivos pessoais, percepção do ambiente. Assim, para ser desencadeada, a emoção precisa de um estímulo inicial, que pode ser interno (ex. memória episódica) ou externo (ex. situação a qual o indivíduo dá atenção) e que, qualquer que seja a via de acesso, ela é produzida gerando impactos de diversas ordens no organismo (GONSALVES, 2015, p.31).

No que concerne às tentativas para a realização das atividades em sala de aula da EJA, os alunos que não conseguem resultados positivos, tendem a apresentar emoções diversas (tristeza, ansiedade, angústias, fraqueza, etc.) ora externadas, ora latentes. Tais sentimentos provocam alterações cerebrais, causando-lhes desconforto nos, por se acharem incapazes de realizar as atividades. Diante disto, é imprescindível que o educador não os exponha; que busque adequar as atividades à realidade da turma, ou de alguns educandos em específico.

Reiteramos que, para que haja a aprendizagem escolar, o psíquico, o emocional, o psicomotor, precisam estar em harmonia, só assim, poderemos compreender que, para aprender, as pessoas precisam estar se sentindo bem consigo, com o outro e com o ambiente que o circunda. Considerar os educandos, para além do seu aspecto cognitivo, é viabilizar um espaço escolar transformador, pautado em sua totalidade humana. Portanto, a não compreensão do aluno em sua globalidade, consiste em uma dificuldade para às efetivações das suas aprendizagens.

Paín (2010) apresenta a existência de problemas reativos de aprendizagem e problemas de aprendizagem sintomática. Como problemas reativos, podemos considerar como causas, a estrutura física escolar, os materiais didáticos escassos e/ou descontextualizados, o cansaço físico dos alunos da EJA devido ao trabalho exaustivo durante todo o dia, ou sejam, são situações exógenas que afetam diretamente na aprendizagem.

No universo da Educação de Jovens e Adultos, as dificuldades em relação à aprendizagem de ordem cognitiva, é uma consequência do desequilíbrio existente entre os aspectos social, emocional, afetivo, psicológico, psicomotor. Essa realidade deve ser motivo para autorreflexão dos professores, na tentativa de resgatar os alunos em sua totalidade.

4.1 Atuação do professor na EJA

A Prática Pedagógica não é constituída apenas por recursos inseridos na escola, mas sim, também por fenômenos culturais, políticos, sociais, os quais fazem parte do mundo real dos alunos. Diante dessa assertiva, surge seu caráter multicultural e o desafio para o educador se tornar um mediador de saberes e não apenas um transmissor de informações de conteúdos exigidos pelo currículo escolar. De forma geral, o docente deve romper com paradigmas que estagnam os processos educacionais, principalmente em se tratando da educação de pessoas com distorção entre idade e série ou de pessoas que não tiveram acesso ao ensino regular em tempo próprio.

A prática pedagógica deve ser norteadada por objetivos, conhecimentos e finalidades, alinhados ao contexto da prática social. Compreendemos, portanto, que tal prática não se limita apenas ao espaço físico escolar, por este motivo, tem dimensão de prática social. Os conhecimentos explorados na escola devem abranger o conhecimento de mundo dos alunos, por este motivo, a prática docente pautada numa pedagogia humanizada, atinge muito mais do que os espaços físicos da escola, ela perpassa as várias áreas humana, reconhecendo o aluno como um sujeito com limitações, com fragilidades, mas também dotado de potencialidades latentes, as quais devem ser despertadas através das ações docentes, provocando a elevação da autoestima, viabilizando uma educação consciente e libertadora para a vida.

No contexto da EJA, as práticas pedagógicas devem ser pautadas em ações dinâmicas, com atividades que estimulem as expectativas de aprendizagens dos alunos, pois estes, em grande parte, chegam à escola cansados, desestimulados. Os educadores precisam utilizar jogos, músicas, materiais manipuláveis, para que os educandos despertem o desejo de aprender.

Fazer-se professor de adultos implica disposição para aproximações que permanentemente transitam entre saberes constituídos e legitimados no campo das ciências, das culturas e das artes e saberes vivenciais que podem ser legitimados no reencontro com o espaço escolar. No equilíbrio entre os dois a escola possível para adultos (MOLL, 2004, p.17).

Sanceverino (2016), em seus estudos destaca que a dialogicidade é fundamental para uma prática docente eficaz, principalmente no cenário da EJA. A cultura do diálogo deve ser uma constante, pois, através dele, o professor terá condições de compreender determinadas atitudes dos alunos, no tocante as suas ações e reações educacionais, refletidas nas propostas dos trabalhos escolares.

As propostas concernentes às práticas pedagógicas precisam ser democráticas, possibilitando ao aluno, o reconhecimento também como produtor do próprio conhecimento, através das suas experiências cotidianas, necessário portanto, existir uma conexão entre o que ensinar, como ensinar e as expectativas dos alunos sobre os benefícios de aprender para usufruir do conhecimento em seu contexto social, para aplicar em sua vida, os conhecimentos oriundos do ensinar, fazendo uso de forma legítima da função social da escrita e da leitura.

Para Libâneo (2004, p. 227) “[...] a formação continuada é o prolongamento da formação inicial visando um aperfeiçoamento profissional teórico e prático o próprio contexto de trabalho, e ao desenvolvimento de uma cultura geral mais ampla, para além do exercício profissional”.

A formação continuada dos professores deve ser priorizada, uma vez que a educação está evoluindo rapidamente. Ficar na zona de conforto não é algo positivo, os professores devem acompanhar as mudanças que ocorrem no âmbito educacional, focando tanto no seu crescimento profissional quanto no desenvolvimento global dos seus alunos.

A educação de jovens e adultos foi vista no decorrer de sua história como uma modalidade de ensino que não requer, de seus professores, estudo e nem especialização, como um campo eminentemente ligado à boa vontade. Em razão disso, são raros os educadores capacitados na área. Na verdade, parece que continua arraigada a ideia de que qualquer pessoa que saiba ler e escrever pode ensinar jovens e adultos, pois ainda existem educadores leigos que trabalham nessa modalidade de ensino, assim como a ideia de qualquer professor é automaticamente um professor de jovens e adultos. Com esta falsa premissa não tem se levado em conta que para se desenvolver um ensino adequado a esta clientela exige-se formação inicial específica e geral consistente, assim como formação continuada (GUIDELLI, 1996, p. 39).

A instrumentalização do professor precisa ser alinhada ao perfil da turma e do espaço físico escolar, focando no enfrentamento aos preconceitos sobre o público da EJA, a colocando como uma modalidade de ensino apenas compensatória e de qualidade inferior. Tais preconceitos, por vezes, emergem do próprio universo educacional, o qual não investe nesta modalidade educacional. No entanto, esses mitos precisam ser tolhidos. Os professores necessitam da ruptura de paradigmas que engessam as práticas destinadas ao contexto da Educação de Jovens e Adultos, para isto, devem mostrar propostas eficazes ao desenvolvimento total dos seus alunos, levando-lhes segurança, comprometimento e credibilidade sobre suas ações.

O ato de ensinar, vislumbrado por Freire (2006), vai além do que transmitir os conteúdos aos alunos. É um ato generoso, humano, dialógico, que deve ser norteador por conhecimentos

reais e significativos, provocando reflexões acerca de si e do mundo, formando e transformando.

Partindo desse entendimento, a prática pedagógica docente requer uma compreensão por parte do professor, de que o conhecimento, numa perspectiva crítica, contribui para o processo de conscientização dos estudantes, dessa forma, o professor só poderá entender as limitações e fragilidades dos alunos, quando, primeiro, compreender e aceitar as suas.

O professor, para ter qualidade pedagógica, precisa reconhecer-se como um contínuo pesquisador, só assim poderá apresentar aos seus alunos um processo de educação que extrapola os muros da escola, uma educação para a vida. A (re)leitura crítica do professor em relação ao ato de educar, o faz desmistificar a concepção do aluno como tábula rasa, como uma folha em branco, como um sujeito apenas cognitivo; o faz ser um profissional humanizado, possível de formar e transformar os seus alunos, tornando-os mais reflexivos, autônomos e capazes de enfrentar os obstáculos que o impedem de sonhar.

Educar tem por desafios, a aquisição de práticas pedagógicas que valorizem e respeitem a criticidade e a emancipação de seus educandos. Exige visão inovadora sobre a aprendizagem, pautada em modelos pedagógicos que abranjam o ser em sua totalidade humana. Educar é aperfeiçoar também o processo de ensino, para que o processo de aprendizagem seja exitoso.

Também são consideradas práticas exitosas, aquelas que reconhecem o valor do saber dos alunos, através da escuta sobre suas vivências e, por meio dela relacionar os momentos vividos aos conceitos teóricos; o diálogo com o uso da linguagem de forma compreensível; o levantamento de hipóteses sobre o que os alunos já sabem, tencionando agregar novos saberes aos já existentes; a prática para estimular o exercício da cidadania.

Todos os envolvidos na educação escolar não devem desconsiderar os conhecimentos prévios dos alunos, de certo, os alunos da EJA já se percebem como diferentes pelo fato de apresentarem idades avançadas em relação aos outros alunos que não estão com distorção idade/série.

Para que o professor se fortaleça para enfrentar tantas situações desafiadoras nos espaços de sala de aula da EJA, ele precisa buscar formações continuadas e agregar às suas práticas elementos inovadores promotores da aprendizagem. Continuar na zona de conforto fazendo uso da educação de jovens como algo impossível, demonstra incapacidade e comodismo profissional.

Os alunos da EJA têm desejos, sonhos, objetivos, necessidade de serem percebidos como capazes, para tanto, ressaltamos papel fundamental do professor nesse contexto que emana incertezas, inseguranças e exclusão.

A educação no cenário da EJA, por meio da atuação docente, deve buscar a consolidação de indivíduos atuantes na sociedade, que expressem seus pontos de vista, que opinem, que dialoguem e, ancorados numa proposta pedagógica que exprima confiabilidade, possam se reconhecer como sujeitos capazes de superar as adversidades que tolhem suas expectativas de vida. Para tanto, é notória a importância do professor que tem como premissa, uma práxis educativa voltada ao ser cognitivo e emocional.

5 METODOLOGIAS

Este Trabalho de Conclusão de Curso, em seu aspecto metodológico, está fundamentado teoricamente pelas pesquisas de natureza bibliográfica, numa abordagem qualitativa. Através dos procedimentos metodológicos adotados, buscamos as contribuições de autores que tratam do nosso objeto de pesquisa.

Sobre a pesquisa bibliográfica, Gil (2016) lembra que se trata de uma pesquisa desenvolvida a partir de materiais constituídos principalmente por livros e artigos científicos. Complementando o pensamento ora exposto, Severino (2013) nos esclarece:

A pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhados por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados (SEVERINO, 2013, p. 90).

Em relação à pesquisa de abordagem qualitativa, Goldenberg (1997) descreve que “[...] com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização [...] os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa opõem-se ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências [...]” (GOLDENBERG, 2014, p.34).

Para Minayo (2015), a pesquisa qualitativa não é quantificável, pois busca compreender e disseminar a dinâmica das relações sociais, as quais são constituídas por crenças, valores, atitudes e hábitos e costumes. Assim sendo, através das contribuições teóricas dos autores e das concepções acerca da temática em estudo, foi possível apresentar a relevância do objeto de pesquisa deste trabalho.

6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Educação de Jovens e Adultos é uma modalidade de ensino que surgiu a partir da necessidade de alfabetizar pessoas que, por vários motivos não tiveram acesso à escolarização em idade própria. Através da resolução CNE/CEB n.º 1/2000, foram instituídas as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos - DCNEJA. Essas diretrizes confirmam a EJA como modalidade de ensino integrada à educação básica, considerando as peculiaridades do seu público alvo, assegurando também, em seu modelo pedagógico, a equidade e a diferença.

A equidade diz respeito a distribuição dos componentes curriculares, tencionando estabelecer um patamar igualitário de formação, restituindo a igualdade em relação aos direitos e às oportunidades em função do direito à educação. A diferença busca identificar e reconhecer a diversidade dos educandos em seu processo de desenvolvimento.

Ainda sob o prisma das diretrizes específicas para a EJA, o documento apresenta as três funções desempenhadas por essa modalidade de ensino: a função reparadora que trata do egresso dos jovens e adultos no âmbito dos direitos civis e uma educação escolar de qualidade, garantindo também uma aprendizagem significativa; a função equalizadora diz respeito a igualdade de oportunidades para os indivíduos, tanto no campo do trabalho quanto na vida social e a função qualificadora que deve assegurar a educação contínua, respeitando a incompletude do educando, potencializando seu desenvolvimento (BRASIL, 2002).

O currículo para a EJA deve ser diversificado embasado pelo respeito às diferenças de etnias, das culturas locais, regionais e populares; precisa haver uma comunhão entre a teoria e prática, vislumbrando os processos de ensino e de aprendizagem como liames para a ampliação e aquisição de saberes.

Os estudos de Nogueira (2009, p. 22) ressaltam que “cabe ao professor perceber o que os alunos almejam com os estudos e, com base nessa informação ele deve construir uma prática para atender as diferentes necessidades de aprendizagens”. Neste contexto, fica explícito que o professor tem uma responsabilidade grandiosa e deve romper com modelos pedagógicos que engessam o desenvolvimento global do aluno.

Freire (2018) defende um currículo específico, contemplando a realidade dos alunos; currículo este que se oponha aos métodos tradicionais que tornam os alunos meros repetidores, pois, metodologias desse porte causam desestímulos e fadiga aos alunos. A atuação docente exerce papel fundamental nesse currículo vivo e transformador.

Diante de toda a trajetória da Educação de Jovens e Adultos apresentada, reforçamos a certeza de que essa modalidade de ensino ainda precisa ser fortalecida pelas políticas públicas e concebida como uma educação de base, de importância ímpar àqueles que buscam uma vida melhor no tocante à educação escolar. Lamentavelmente ainda há profissionais da educação e gestores municipais que não valorizam a EJA como ela merece, apenas oferecendo essa modalidade de ensino, pelo teor da sua obrigatoriedade.

Os alunos da EJA merecem ser respeitados e ter acesso a um ensino de qualidade, com professores que compreendam sua importância na/para a sociedade, com espaços escolares dignos para os receberem; precisam ser assegurados por uma educação humanizada que lhes desperte o desejo de aprender, de conviver com equidade no ambiente escolar.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dialogar sobre a Educação de Jovens e Adultos, consiste em uma ação relevante ao campo educacional, pelo fato de essa modalidade de ensino ainda não ser valorizada o quanto merece. Compreender a evolução histórica da alfabetização de adultos é um fator de extrema importância para que possamos ter olhares mais sensíveis e, como professores, saibamos utilizar metodologias que tragam significados à vida do educando. Para tanto, esta monografia pretende registrar as considerações sobre a Educação de Jovens e Adultos, as quais nos conduzem às reflexões acerca dessa modalidade de ensino.

As práticas pedagógicas, como já foram relatadas no decorrer da pesquisa, precisam ser voltadas para as necessidades e as realidades dos alunos. O repensar sobre o aluno real deve ser uma ação constante no espaço da sala de aula da educação de jovens que não obtiveram êxito estudantil em tempo relativamente correto. Paralelo às reflexões acerca dos professores de ensino e de aprendizagem na EJA, é importante que os professores busquem formações que possam ajudá-los em suas propostas pedagógicas. O desejo em aprender só poderá ser despertado através do desejo de ensinar.

Por meio desta pesquisa foi possível lapidar conhecimentos sobre a necessidade de desmistificar o caráter excludente que se propaga na Educação de Jovens e Adultos, no entanto, apenas os professores envolvidos não terão como mudar todo o cenário de rótulos que permeiam esse público estudantil; o que precisamos é de pessoas sensíveis que abracem a causa e transformem as fragilidades em potencialidades e as limitações em possibilidades.

A escola deve buscar desempenhar sua função social com excelência, proporcionando aos alunos caminhos largos às aprendizagens significativas, apresentando alternativas para evitar o alto índice de evasão. Sua proposta curricular precisa estar pautada em contextos de alunos reais, fomentando o despertar para o conhecimento. Pensar numa educação promissora é algo que extrapola a visão castradora de uma educação autoritária, mecânica; é pensar no ser que pensa e que sente; no ser que está em sala de aula em sua totalidade, por vezes com sentimentos latentes que tolhem sua capacidade cognitiva.

O cerne deste trabalho é enfatizar a importância da Educação de Jovens e Adultos que, mesmo depois de tantos avanços, ainda carrega consigo rótulos de negativismo; é mostrar as marcas deixadas pelo legado de Paulo Freire, o qual preconizava um ensino humanitário, crítico, autônomo e libertador; é sensibilizar os envolvidos nessa modalidade de ensino para que, em suas práticas, não reforcem mais o caráter excludente que ainda permeia nesse universo educacional.

Diante de tanta complexidade, mas também de tantas possibilidades, se faz necessário que as escolas ramifiquem saberes diversificados, acolham de forma humana e fraterna seus alunos e promovam, junto aos professores, momentos de reflexões através de formações continuadas, tencionando a melhoria na qualidade das práticas docentes e das aprendizagens dos discentes. É mister pensarmos nos pontos que fragilizam a EJA para buscarmos alternativas inovadoras possíveis de tornar os alunos sujeitos ativos no processo educacional, tendo espaços para exporem suas ideias e se expressarem de forma livre, crítica e autônoma.

Como educadores, nos cabe o respeito pela diversidade de saberes (ou não), gerenciar as situações que afetam o espaço da sala de aula com transparência e afetividade, pois, ensinar é um gesto de afeto. O diálogo é um liame entre alunos e professores, por isto, deve estar presente no cotidiano escolar. A escuta é outro ponto ímpar para que a relação entre educador e educando seja efetivada harmoniosamente.

Diante dos diálogos apresentados neste trabalho, almejamos que os leitores tenham olhares holísticos sobre a Educação de Jovens e Adultos, partindo do pressuposto de que ensinar é muito mais do que repassar conteúdos previamente definidos, sem conexões com a realidade dos alunos, mas sim, ensinar exige a conscientização da incompletude humana, para que busquemos aprimorar a cada dia, nossas ações, para que possamos olhar o outro em sua globalidade humana.

Devemos pensar na Educação de Jovens e Adultos como uma modalidade de ensino valorosa e imprescindível à humanidade; devemos enxergar os educandos para além da cognição, pois eles têm potencial par adquirir novos conhecimentos, mas, também são dotados de sentimentos que podem interferir de forma positiva ou não, em seus processos mentais. Que através desses diálogos possamos extrair saberes capazes de nos tornar sujeitos formadores e transformadores, através de práticas libertadoras.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Darley Souza. **As dificuldades de aprendizagem no processo de alfabetização e letramento dos alunos da EJA do primeiro segmento: estudo de caso.** Fortaleza/CE: Centro Educacional Cardeal Aloísio Lorscheider, 2013.
- BELEZA, Janderlane Oliveira; NOGUEIRA, Eulina Maria Leite. Contexto Histórico da Educação de jovens e adultos no Brasil. **Revista Ensino de Ciências e Humanidades-Cidadania, Diversidade e Bem Estar-RECH**, v. 4, n. 2, jul-dez, p. 107-126. Amazonas, 2020.
- BELUZO, Maira Ferreira. **O Mobral e a alfabetização de adultos: considerações históricas.** São Paulo: Bebedouro, 2015.
- BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Lei nº. 9394/96, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996.
- _____. **Decreto nº 2.208, de 17 de abril de 1997.** Regulamenta o parágrafo 2º do art. 36 e os artigos 39 e 42 da Lei n. 9394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília/DF, 1997.
- _____. Ministério da Educação e do Desporto. **Diretrizes Curriculares para Educação de Jovens e Adultos.** Brasília/ DF, 2000.
- _____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Proposta Curricular para a educação de jovens e adultos.** Brasília, 2002.
- _____. Ministério da Educação. **Manual Operacional do Programa Brasil Alfabetizado.** Brasília: MEC, 2008.
- CARBONE, Solange Aparecida Beletato. **Dificuldades de aprendizagem na Educação de Jovens e Adultos: uma reflexão com alfabetizadores da EJA.** Artigo de especialização. Paraná: UTFP, 2013.
- CORREIA, Luís de Miranda; MARTINS, Ana Paula. **Dificuldades de Aprendizagem: Que são? Como entendê-las?** Biblioteca Digital. Coleção Educação. Portugal: Porto Editora, 2013.
- COSTA, Maria Amélia da Silva; NOGUEIRA, Surama Araújo Dutra. **Educação de Jovens e Adultos: reflexões sobre a história, a lei e os movimentos de educação popular.** São Paulo: Cortez, 2019.
- FERRARI, Dener Gabriel. **Paulo Freire em três projetos de lei.** Revista Latinoamericana de Estudios del Discurso, v. 21, n. 2, p. 49-66. UnB, 2021.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- _____. **Cartas a Cristina.** 2. ed. São Paulo: UNESP, 2002.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

_____. **Educação como prática da liberdade.** 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

GADOTTI, Moacir. **Saber aprender: um olhar sobre Paulo Freire e as perspectivas atuais da educação.** São Paulo: Cortez, 2003

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** - 6. ed. São Paulo: Atlas, 2016.

GOLDENBERG, Miriam. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais.** Rio de Janeiro: Record, 2014.

GONÇALVES, Cristiane Gonçalves Oliveira Branco. **EJA.** Artigo. Santa Catarina: IFSC, 2015.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Educação e emoções.** Campinas/SP: Alínea, 2015.

GUIDELLI, Rosângela Cristina. **A prática pedagógica do professor do ensino básico de jovens e adultos: desacertos, tentativas, acertos.** São Carlos, 1996. 37 p. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal de São Carlos.

HENRIQUES, Ricardo. **Alfabetização e Inclusão Social: contexto e desafios do Programa Brasil Alfabetizado.** Brasília: MEC/UNESCO, 2006. Cap. 1, p.13-59.

LÁZARO, André; TELES, Jorge. **Educação não formal no Brasil: um olhar pós-CONFINTEA VI.** *Revista Teias*, v. 15, n. 35, p. 28-37. Rio de Janeiro, 2014.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e Gestão da Escola: Teoria e Prática.** Goiânia: Alternativa, 2004.

LYRA, Carlos. **As quarenta horas de Angicos: uma experiência pioneira de educação.** São Paulo: Cortez, 1996.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade.** 26 ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

MOLL, Jaqueline (org.) **Educação de Jovens e adultos.** Porto Alegre: Mediação, 2004.

NOGUEIRA, Renata Coelho. **A perspectiva do ensino de história na EJA a partir dos instrumentos avaliativos.** São Paulo: Planeta Educação, 2009.

PAIN, Sara. **Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem.** Porto Alegre: Artes Médicas, 2010.

SANCEVERINO, Adriana Regina. **Mediação pedagógica na educação de jovens e adultos.** *Revista Brasileira de Educação* v. 21 n. 65 abr.-jun. São Paulo, 2016.

SCOZ, Beatriz Judith Lima. **Psicopedagogia e realidade escolar: o problema escolar e de aprendizagem.** Petrópolis: Vozes, 1994.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** 24. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2013.

SILVA, Francisca Veridiana. **Uma breve discussão sobre quem são sujeitos da EJA e quais suas expectativas na sala de aula.** Paraíba: Universidade Federal da Paraíba/Centro de Educação (Trabalho de Conclusão de Curso – TCC), 2017.

VASCONCELOS, Maria Lúcia. Marcondes Carvalho; BRITO, Regina Helena Pires de. **Conceitos de educação em Paulo Freire.** 6. ed. Petrópolis: Vozes; 2014.

VENTURA, Jaqueline. **A EJA e os desafios da formação docente nas licenciaturas.** Revista da FAEEDBA - Educação e Contemporaneidade, v. 21, n. 37, 2012.

VIEIRA, Maria Clarisse. **Fundamentos históricos, políticos e sociais da educação de jovens e adultos: aspectos históricos da educação de jovens e adultos no Brasil.** Brasília: Universidade de Brasília, 2004.